

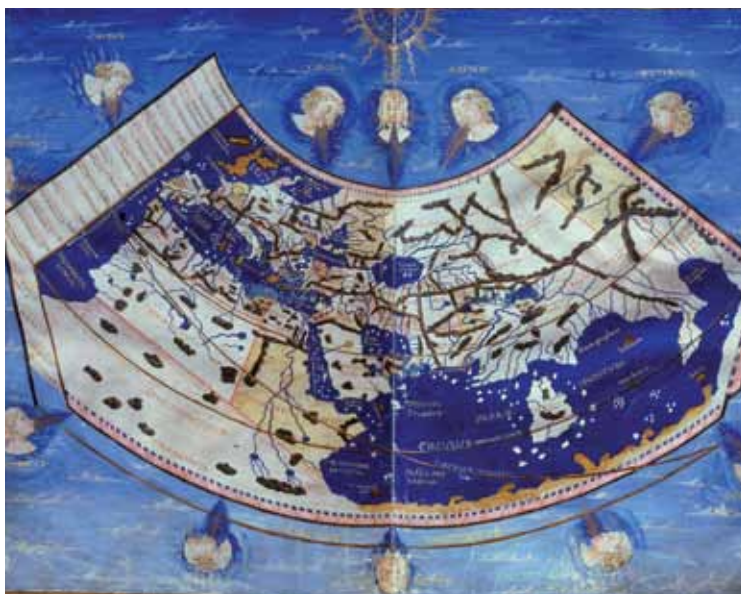


FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
NEWSLETTER

NÚMERO **143**
MAIO 2013



**Os navegadores
que seguiam
as estrelas**



Claudius Ptolomeu, *O mundo de Ptolomeu in Cosmographia*

4

Os navegadores que seguiam as estrelas

Nas viagens marítimas das descobertas, os marinheiros portugueses e espanhóis mostraram como se ia desenhando um novo mundo. No complexo intrincado de cálculos e observações de navegação, criaram as bases de uma nova ciência. É isso que mostra esta reportagem passada num veleiro da Marinha Portuguesa em que se aprende a “pesar o sol” ao meio-dia e a observar a Estrela Polar à noite. Uma atividade educativa integrada na exposição *360° Ciência Descoberta*.

8

Jazz em Agosto

A completar as 30 edições, o Jazz em Agosto deste ano marca o regresso de John Zorn, cuja atuação estará integrada na digressão europeia de comemoração do 60.º aniversário do músico. Há ainda uma outra novidade, o Jazz associa-se à comemoração dos 30 anos do Centro de Arte Moderna com um concerto extraordinário de Maria João, no **dia 25 de julho**, a evocar o concerto do seu Quinteto que abriu a primeira edição do festival.



Quinteto Maria João © Herve Hette

9

Consenso e reforma das instituições

O papel da cooperação institucional nos processos de ajustamento e de reforma é o tema principal da conferência que se realiza no **dia 24** deste mês, no Auditório 2 da Fundação. Richard Freeman, economista do trabalho e conhecedor dos processos de reforma sueco, holandês e alemão, é um dos oradores convidados para esta iniciativa da Fundação Gulbenkian, do Banco de Portugal e do Conselho Económico e Social.

A Fundação Calouste Gulbenkian é uma instituição portuguesa de direito privado e utilidade pública, cujos fins estatutários são a Arte, a Beneficência, a Ciência e a Educação. Criada por disposição testamentária de Calouste Sarkis Gulbenkian, os seus estatutos foram aprovados pelo Estado Português a 18 de Julho de 1956.

NEWSLETTER NÚMERO 143.MAIO.2013 | ISSN 0873-5980

Esta Newsletter é uma edição do Serviço de Comunicação Elisabete Caramelo | Leonor Vaz | André Cunha

COLABORAM NESTE NÚMERO Ana Barata | Ana Mena | Pedro Fernandes | **DESIGN** José Teófilo Duarte | Eva Monteiro | João Silva [DDLX] | **REVISÃO DE TEXTO** Rita Veiga | **FOTO DA CAPA** © Márcia Lessa | **IMPRESSÃO** Greca Artes Gráficas | **TIRAGEM** 10 000 exemplares | Av. de Berna, 45 A, 1067-001 Lisboa, tel. 21 782 30 00 | info@gulbenkian.pt | www.gulbenkian.pt



10

A viagem de Calouste Gulbenkian

A viagem que Calouste Sarkis Gulbenkian fez de Istambul até Baku, depois de terminar os estudos universitários, determinou a sua vida e marcou indelevelmente o mundo da indústria petrolífera. O artigo publicado em 1890 pela *Revue des Deux Mondes* foi evocado em Paris no mês passado, e com ele o contributo singular do homem que viveu entre dois mundos – o oriental e o ocidental.

20

Shakespeare na Música

Romeu e Julieta, *Sonho de uma noite de verão*, *Otelo* e *Falstaff* são as quatro produções musicais que se apresentam na Gulbenkian Música, numa iniciativa que pretende ilustrar o modo como o génio literário de William Shakespeare inspirou algumas das mais cintilantes obras-primas do repertório musical. O ciclo terá ainda uma conferência e uma maratona de cinema sábado, dia 11 de maio.



24

O futuro da alimentação: ambiente, saúde e economia

A partir da reflexão iniciada no ano passado sobre o futuro da alimentação, a Fundação Gulbenkian publica um livro com intervenções de especialistas nacionais e internacionais sobre como enfrentar os desafios que se colocam à alimentação mundial no futuro. Coordenado por uma equipa que integra Isabel do Carmo, Isabel Ribeiro, José Lima Santos e Pedro Graça, o livro aborda os problemas numa perspetiva global, tendo em conta a saúde, o ambiente e a economia.

índice

primeiro plano

4 **Os navegadores que seguiam as estrelas**

notícias

8 **Jazz em Agosto chega à 30ª edição**

9 **Consenso e reforma das instituições**

9 **Além das palavras**

10 **A viagem de Calouste Gulbenkian**

11 **O mecenas e o diplomata**

12 **Um gene que vale por dois**

12 **O fascínio das plantas do Jardim do Marquês**

13 **Homens e mulheres no Neolítico**

13 **IGC nas bodas de prata da EMBnet**

14 **breves**

bolseiros gulbenkian

16 **Afonso Fesch**

em maio

exposições

18 **Seis exposições – arte, literatura e ciência**

música

20 **Shakespeare na Música**

conferências

22 **Os bebés e a Felicidade**

24 **novas edições**

25 **catálogos de exposições na biblioteca de arte**

uma obra

26 **Ocultações**





Vista noturna da Marina de Cascais desde o veleiro *Polar* © Mária Lessa

Os navegadores que seguiam as estrelas

Os primeiros minutos são de adaptação ao solo instável, à escuridão e aos termos náuticos que fazem lembrar filmes de piratas. “Isto que está a acontecer chama-se «faina de largada»”, explica o comandante Costa Canas. “Estamos a usar o motor porque é complicado manobrar com as velas à saída da barra”. Os alunos da Escola Naval, com uniformes escuros que se confundem com a noite, movem-se com uma naturalidade desconcertante pela coberta apesar de estar cheia de obstáculos traiçoeiros ocultos. “Se virem alguém cair à água, gritem”, fora a inquietante recomendação do Sargento Bispo, segundos antes de distribuir pelos tripulantes cartões que indicavam para qual das balsas cada um teria de se dirigir “em caso de naufrágio”. Ainda assim, a oferta de coletes de salvação mereceu uma corajosa recusa unânime. “Vocês estão todos como medo de cair, uma banhoca também faz bem!”, exclama uma senhora, divertida com a forma como dois rapazes adolescentes se conservavam agachados, desconfiados da ondulação. Minutos depois, com as velas recolhidas e impulsionado pelo motor, o *Polar* deixava progressivamente para trás as luzes da Marina de Cascais, penetrando silenciosamente em águas escuras e serenas.

Latitude pela Polar é o nome desta viagem marítima noturna promovida pelo Descobrir – Programa Gulbenkian Educação para a Cultura e Ciência, em colaboração com o Museu de Marinha e no âmbito da exposição *360° Ciência Descoberta*, dedicada às inovações científicas surgidas aquando das grandes viagens oceânicas dos povos ibéricos; **Pesar o Sol** é como se chama o passeio realizado à luz do dia. “A ideia passa por mostrar as dificuldades que a orientação neste tipo de viagens acarretava”, afirma o comandante Neves, orientador desta atividade a par do comandante Costa Canas, “porque por vezes as pessoas têm tendência para desvalorizar esta fase da nossa História por terem já lido e ouvido falar tanto dela, mas a verdade é que, apesar de a tecnologia e os conhecimentos que possuíam serem rudimentares, os nossos navegadores realizaram travessias espantosas”. Assim, os visitantes são convidados a embarcar numa curta viagem a bordo de um dos veleiros da Marinha – no caso o *Polar*, réplica do *América*, famoso veleiro do século XIX - e a usar réplicas de instrumentos de navegação da época dos Descobrimentos, como a balestilha, o quadrante e o astrolábio, de modo a utilizar os astros para determinar a latitude, como nos séculos XV e XVI era

prática dos marinheiros portugueses. “O Galeão *Estou Para Ver* foi o pioneiro deste tipo de iniciativas, em Cascais”, explica o comandante Costa Canas, “e quando estávamos a pensar realizar uma atividade a propósito da *360º Ciência Descoberta*, concluímos que isto faria todo o sentido”.

Já a alguns quilómetros da costa, o cenário é imponente. Ao longe, a baía de Cascais é como uma muralha de luz distante sobre a qual paira um clarão arroxeadado; do outro lado apenas é possível vislumbrar uma massa de água gigantesca e aparentemente infinita, encoberta pelas trevas. Não há sinal do *Blaus IV*, veleiro que transporta a outra metade do grupo. Ocasionalmente, uma gaivota corta o silêncio com o seu chamamento característico ao planar sobre o mastro do *Polar*, e por vezes, é possível distinguir o vulto enorme de um petroleiro pouco iluminado, fazendo lembrar os monstros marinhos que povoavam a imaginação dos marinheiros de outros tempos. Acima das cabeças dos tripulantes, as constelações até então anónimas ganham nomes bem familiares após uma breve aula de Astronomia do comandante Costa Canas: além está a Cassiopeia, aqui a Ursa Maior (que mais parece um papagaio de papel), ao pé desta mas mais sumida está a Ursa Menor. É desta que estamos à procura, pois nela pontifica a Estrela Polar.

“Até certa altura, o meio de orientação no mar foi a bússola”, explicara o comandante minutos antes, no compartimento interior do veleiro no qual os tripulantes dormem, e onde a ondulação coloca à prova os estômagos mais sensíveis e distingue os lobos-do-mar dos marinheiros de água doce, mas em alto mar a bússola “era pouco rigorosa a nível da determinação da posição do navio, o que não era grave enquanto se viajava apenas no Mediterrâneo, onde a costa



O *Polar* prepara-se para partir © Márcia Lessa

nunca está muito longe, mas tornou-se problemático quando os portugueses começaram a navegar no Atlântico. Foi preciso utilizar as únicas referências existentes em alto mar, que são os astros”. A Estrela Polar revelou-se particularmente útil pela forma como parece estar suspensa acima do Pólo Norte, consequentemente indicando sempre este ponto cardeal.

“Vamos só aqui para estibordo”, diz o comandante, deslocando-se para o flanco direito do *Polar* e munindo-se de uma réplica em madeira de um quadrante, um objeto simples com uma bola de metal suspensa de um fio. Um após o outro, todos os visitantes procuram, sob a orientação do comandante, utilizar este instrumento náutico para, com a ajuda da Estrela Polar, determinar a latitude do navio. Conclui-se que, de facto, a tarefa dos navegadores portugueses da época dos Descobrimentos não pode ter sido fácil: é um desafio segurar o quadrante, apontar para a estrela e medir a latitude enquanto se luta contra o vento, a fraca luminosidade e a instabilidade do navio. Após mais algumas medições, o *Polar* e o *Blaus IV* reúnem-se e regressam à marina sob os mesmos astros que séculos antes guiaram os seus antepassados.



O Comandante Costa Canas, orientador da atividade, explica como se utiliza a balestilha



O astrolábio é essencial para pesar o sol © Márcia Lessa

PESANDO O SOL

No dia seguinte, o cenário altera-se significativamente. O sol brilha com grande intensidade, na costa não se avistam as luzes noturnas de Cascais, mas o Terreiro do Paço e a estação de Santa Apolónia. Os tenebrosos petroleiros são substituídos por veleiros mais pequenos que passam a curta distância do *Polar*, cortando velozmente as águas turvas e esverdeadas do Tejo. “Durante o dia, o ponto de referência utilizado era a altura do sol” explica o comandante, desta feita socorrendo-se de outros dois protagonistas bem conhecidos da época das Descobertas, o astrolábio e a balestilha. No caso do primeiro, a luz do sol é projetada num determinado ponto do instrumento, indicando dessa forma a latitude; o segundo atinge o mesmo fim através da medição da distância entre o astro e a linha do horizonte. À semelhança do que acontecera com o quadrante na noite anterior, a experiência não é fácil e ilustra bem os problemas que os navegadores portugueses tiveram de resolver para conseguir orientar-se nas suas travessias oceânicas, pois é necessária perícia para manusear os instrumentos a bordo de um navio sobre permanente ondulação. No entanto, com alguma insistência, todos os visitantes acabam por atingir resultados bastante satisfatórios.

“Estudei esta época em História e é muito interessante poder experimentar estas técnicas sobre as quais li. Esta experiência valoriza os feitos dos antigos navegadores, porque mesmo nós, que disfarçamos de boas condições atmosféricas, tivemos dificuldades em utilizar os instrumentos de navegação”, afirma Ana Dias, jovem aspirante a fotógrafa que documenta todo o processo atrás da sua objetiva, “e além disso, é engraçado ver os estudantes da Escola Naval a trabalhar e perceber o trabalho e a coordenação que exigem manobras como atracar o navio”. “Nunca tinha feito nada deste género e tinha muita curiosidade em saber como os nossos marinheiros se conseguiam orientar e viajar até terras longínquas”, completa Fátima Barreto, prima da estudante de Audiovisual, que se diz sempre predisposta a experimentar este tipo de atividades para aprender coisas novas.

“Faço um balanço positivo destes dois dias pela adesão que registaram”, diz o comandante Costa Canas enquanto o *Polar* se prepara para atracar. “Acho que a experiência noturna e a experiência diurna se complementam, apesar de faltar algum rigor científico por não incluir os cálculos mais complexos que se faziam ainda em terra, mas serve para mostrar como, com processos bastante simples, se conseguia navegar naquela época”. À medida que os visitantes voltam a pisar terra firme, com passos ainda hesitantes e cómicos, devido ao balançar do navio, e as tripulações do *Polar* e do *Blaus IV* acenam amigavelmente e se preparam para navegar para paragens desconhecidas, fica a sensação de um passeio agradável no qual todos ganharam um renovado respeito por aqueles bravos navegadores que há séculos atrás se aventuraram rumo a um destino incerto e regressaram com novidades e histórias que mudariam para sempre o mundo. “Penso que existe um grande interesse das pessoas pelos Descobrimientos, que são um dos temas que trazem mais visitantes ao Museu de Marinha. Acho que é possível que esta atividade tenha continuidade para além da exposição *360º Ciência*



O Comandante Costa Canas indica o resultado obtido após a utilização do astrolábio © Márcia Lessa



Vista da baixa lisboeta a bordo do *Polar* © Márcia Lessa

Descoberta, mas seria necessário conciliar os compromissos dos veleiros e os horários destas viagens”, conclui o comandante Costa Canas. Já longe, distanciando-se suavemente, os dois veleiros parecem flutuar acima do horizonte banhado pelo sol. ■ Veja o vídeo:



VISITAS

LATITUDE PELA POLAR

Sextas – 3, 17 e 31 de maio, às 21h

PESAR O SOL

Sábados – 4 e 18 de maio, 1 de junho, às 11h30

Museu de Marinha e Veleiros da Marinha: *Polar* e *Blaus IV*

INFORMAÇÕES E MARCAÇÕES

Telefone 213 620 019,

das 9h30 às 12h e das 14h às 17h

Email geral.museu@marinha.pt

CONFERÊNCIAS 360º

Este mês, o Ciclo de Conferências 360º Ciência Descoberta encerra com dois eventos, ambos no Auditório 2 da Fundação Gulbenkian e de entrada livre. Às 18h de **dia 2**, Filipe Vieira de Castro, doutorado em Antropologia pela Texas A&M University (onde é professor de Arqueologia Náutica), será o orador convidado da conferência **Uma viagem na Carreira da Índia cerca de 1600**.

À mesma hora de **dia 15**, Antonio Barrera Osorio, do Departamento de História da Colgate University e autor do livro *Experiencing Nature: The Spanish American Empire and the Early Scientific Revolution*, falará sobre o tema **Searching Nature in the American World: Bringing the Scientific Revolution to its Iberian Context**.

A exposição 360º Ciência Descoberta manter-se-á até dia **2 de junho** na Galeria de Exposições Temporárias. Relativamente às duas conferências, o programa completo pode ser consultado em www.gulbenkian.pt.



John Zorn

Jazz em Agosto chega à 30ª edição

Este verão, de **2 a 11 de agosto**, o Anfiteatro ao Ar Livre receberá uma edição do Jazz em Agosto carregada de um simbolismo especial, já que 2013 é o ano em que o festival completa 30 edições. Um dos nomes mais fortes da programação deste ano é o compositor e saxofonista americano John Zorn, cuja atuação estará integrada na digressão europeia de comemoração do 60.º aniversário do músico. Além dos três projetos de Zorn – The Dreamers, Essential Cinema e Electric Masada, acompanhados de colaboradores do saxofonista –, o festival contará também com a exibição do Ciclo John Zorn: A Film in 15 Scenes, súpula de quatro filmes produzidos por Zorn e que foi apresentada no New York Film Festival 2012. Para além deste ciclo, a 30.ª edição do Jazz em Agosto apresentará outros cinco filmes na Sala Polivalente do CAM, incluindo a *TensãoJAZZ* (2011), série documental sobre a história do jazz em Portugal da autoria de Rui Neves e realizada por Paulo Seabra, e os concertos do World Saxophone Quartet no Jazz em Agosto de 1987 e da Sun Ra Arkestra no Jazz em Agosto 1985, ambos do Arquivo RTP.

A programação do festival prossegue com um elenco no qual marcam presença artistas nacionais e estrangeiros, alguns consagrados e outros promissores. No concerto Drumming GP plays Max Roach M'Boom, a banda portuense recriará o *ensemble* de percussão M'Boom de Max Roach.



Peter Evans © C. Neil Scott

O jazz escandinavo estará representado por Elephant9 featuring Reine Fiske, formação em cuja sonoridade se destaca o órgão Hammond B-3, e pelo trio The Thing, que já passou em 2004 pelo Jazz em Agosto e que regressa agora sob o nome The Thing XXL, uma formação ampliada na qual figura Peter Evans, aclamado trompetista que apresentará também em estreia europeia o seu novo grupo Peter Evans Octet.

O compositor e saxofonista Anthony Braxton apresentará Falling River Music Quartet, acompanhado de músicos que já passaram pelo Jazz em Agosto como Mary Halvorson, que também atuará com o Mary Halvorson Quintet em estreia nacional. O encerramento do festival caberá a Pharoah & The Underground, projeto que reúne os trios de Rob Mazurek – São Paulo Underground e Chicago Underground – e que integra Pharoah Sanders, saxofonista cujo currículo apresenta colaborações com nomes da envergadura de Sun Ra, Don Cherry e John Coltrane.

JAZZ no CAM

No âmbito das comemorações da 30.ª edição do Jazz em Agosto será lançado um livro com ensaios de Stuart Broomer, Bill Shoemaker e Brian Morton, críticos e pensadores do jazz. Editado em português e em inglês e acompanhado de uma discografia seletiva, este livro pretende dar a conhecer 50 dos músicos que, ao longo de 30 anos, ajudaram a fazer do Jazz em Agosto um dos grandes festivais dedicados a este género musical. No dia **25 de julho**, antes da abertura propriamente dita, realizar-se-á um concerto extraordinário destinado a assinalar outra efeméride – o 30.º aniversário do CAM, em cujo serviço ACARTE o festival nasceu – e que contará com o novo projeto OGRE da cantora Maria João, numa atuação que evocará o concerto do seu quinteto que inaugurou a primeira edição do Jazz em Agosto. ■

Consenso e reforma das instituições

No dia **24 de maio**, o Auditório 2 da Fundação Gulbenkian estará aberto ao debate sobre o papel da cooperação institucional nos processos de ajustamento e de reforma. Intitulada **Consensus & Reforma Institucional**, a conferência é organizada pelo Banco de Portugal, Conselho Económico e Social e Fundação Calouste Gulbenkian e terá a participação de especialistas nacionais e internacionais. Um dos oradores convidados é Richard Freeman da Universidade de Harvard, um economista do trabalho com uma visão sistémica sobre alterações ao Estado de bem-estar social e que estudou os casos da Suécia, Holanda e Alemanha. Richard Freeman falará do Estado de bem-estar social enquanto sistema e da importância das instituições, numa sessão comentada pelo sociólogo António Barreto. Antes de Freeman, a sessão de abertura da conferência con-

tará com as intervenções do presidente da Fundação Gulbenkian e do governador do Banco de Portugal.

No segundo painel da manhã, José Tavares (Nova School of Business and Economics) e Coen Teulings (universidade de Amesterdão) falarão de uma visão político-económica dos processos de reforma. Coen Teulings foi diretor do CPB, um dos mais prestigiados *think tanks* holandeses, e conselheiro independente do Governo e do Parlamento holandeses.

A fechar este dia de reflexão e debate entre parceiros sociais e sociedade civil, falará o presidente do Conselho Económico e Social, Silva Peneda. Estão ainda previstas as participações de Teodora Cardoso, do Conselho das Finanças Públicas, Marina Costa Lobo e Rui Ramos, do Instituto de Ciências Sociais, e de Gomes Canotilho, da Universidade de Coimbra e administrador não executivo da Fundação Gulbenkian. ■

Além das palavras

Linguagens: entre o dizer e o fazer é o título da exposição que pode ser vista em Paris, na delegação da Fundação Gulbenkian, até **dia 27 de julho**. Com curadoria de Filipa Oliveira, a mostra pretende refletir sobre a linguagem para além das palavras, do discurso e das regras gramaticais.

A curadora parte da ideia de que a linguagem acontece nos gestos da boca, dos olhos, das mãos, nas expressões da cara, nos movimentos do corpo, e que é ativada quando falamos, dançamos, ouvimos música ou olhamos para obras de arte. Esta dimensão performativa da linguagem é precisamente o tema central da exposição e a razão de ser do seu título: “entre o dizer e o fazer”.

A exposição estará patente em vários espaços da cidade, com o núcleo central na delegação da Fundação, onde podem ser vistas obras de Aurélien Froment, Bas Jan Ader, Fernanda Fragateiro, João Penalva, Manon de Boer, Meris Angioletti, Shilpa Gupta e Susan Hiller. Uma instalação *site-specific* de Pierre Leguillon estará na Fondation National de Arts Graphique et Plastique e uma série de performances de Pedro Barateiro e Susana Mendes Silva vão decorrer na École nationale supérieur de Beaux-Arts de Paris (em parceria com o Festival Chantier d’Europe). Foi lançado o desafio a todos os artistas e ainda a John Wood & Paul Harrison, Julia Rometti & Victor Costales e Rosa Barba para desenvolverem a sua proposta em formato de livro, que estará disponível para os visitantes.



Manon de Boer, *Dissonant*, 2010

Filipa Oliveira é uma das curadoras portuguesas com maior visibilidade internacional e tem vindo a marcar presença em vários projetos expositivos, sobretudo em França e no Reino Unido. ■



Pauliana Pimentel, Mud-Volcanoes, Azerbaijão, Cáucaso, Souvenir de Voyage, 2009

A viagem de Calouste Gulbenkian

Aos 20 anos, e depois de terminados os estudos universitários em Londres, Calouste Gulbenkian faz uma grande viagem – da Turquia ao Azerbaijão. Encorajado pelo pai, que tenta dissuadi-lo da sua tendência para a investigação científica, o jovem Gulbenkian descobre o mundo dos campos petrolíferos do Cáucaso, o que virá a marcar a sua vida e também a mudar a conceção geoestratégica sobre o petróleo. Impressionado pela viagem, Calouste escreve um artigo na *Revue des Deux Mondes* intitulado “O petróleo, fonte de energia” e que mais tarde dará origem ao livro *A Transcaucásia e a Península d’Apchéron – Recordações de viagem*.

O artigo então publicado na *Revue des Deux Mondes* foi o mote para a sessão realizada na delegação parisiense da Fundação Gulbenkian e que reuniu à mesma mesa o presidente da Fundação, Artur Santos Silva, o administrador e bisneto do Fundador, Martin Essayan, o diretor da *Revue*, Michel Crépu, e António Costa e Silva, diretor da Partex Oil and Gas. Artur Santos Silva falou de Calouste Gulbenkian como um homem “entre dois mundos, o Oriente onde nasceu, e o Ocidente onde foi educado e viveu a maior parte da sua

existência”, destacando da sua personalidade “o otimismo estruturante” e a “capacidade de adaptação notável” que demonstrou ao longo da vida e que fizeram dele também um filantropo diferente dos outros. A propósito, lembra o que tiveram em comum com ele Rockefeller e Getty, todos homens de negócios “temíveis e temidos, visionários que, cada um à sua maneira, revolucionaram a indústria do petróleo e, nesta medida, a História da humanidade entre os séculos XIX e XX”. Todos fizeram fortuna e todos deixaram fundações “que lhes sobrevivem hoje e pelas quais são recordados”. Para o presidente da Fundação, a visão destes homens não esteve na forma como conseguiram gerir as suas riquezas, mas sobretudo “no destino que lhes atribuíram e que contraria, de algum modo, a típica lógica capitalista”. Lembra Santos Silva que, para estes filantropos, “as fundações não deveriam aliviar os sintomas dos problemas que enfrentavam, mas combater as suas causas”, missão que a Fundação Gulbenkian prossegue nas suas mais variadas áreas.

“Um homem extraordinário que viveu uma vida extraordinária”, foi a definição encontrada por Martin Essayan para



António Costa e Silva, Michel Crépu e Artur Santos Silva.



Martin Essayan.

falar dos valores e da visão de Calouste Gulbenkian, ainda muito pertinentes para o mundo atual. Perante todas as dificuldades e os obstáculos históricos conhecidos, Calouste Gulbenkian conseguiu juntar ingleses e alemães na luta pela concessão do petróleo do Império Otomano, diminuir rivalidades e limitar conflitos de interesses ao longo dos tempos, sempre em nome de objetivos mais vastos, que Martin Essayan vê como um dos seus valores mais inspiradores: “tirar o melhor partido do que temos, sem desperdiçar nada”.

Calouste Gulbenkian olhou sempre para os menos afortunados da vida, ajudando-os, através do trabalho, a chegar mais longe, pondo em prática muito mais “uma igualdade de oportunidades que uma igualdade de resultados”, diz o administrador da Fundação Gulbenkian. Nesta visão, que

ainda hoje é inspiradora, Calouste mostrou também a sua capacidade de “ir além das fronteiras impostas”.

E estas características fizeram dele um dos grandes visionários do século XX, um verdadeiro arquiteto dos negócios, no entender de António Costa e Silva. Realçando o papel ímpar que Calouste Gulbenkian teve na evolução da indústria do petróleo, Costa e Silva falou da finura e da singularidade das suas práticas, que revelavam uma perfeita ligação entre os negócios, a estética e a ética”, que hoje “deveriam ser restabelecidas na economia mundial”.

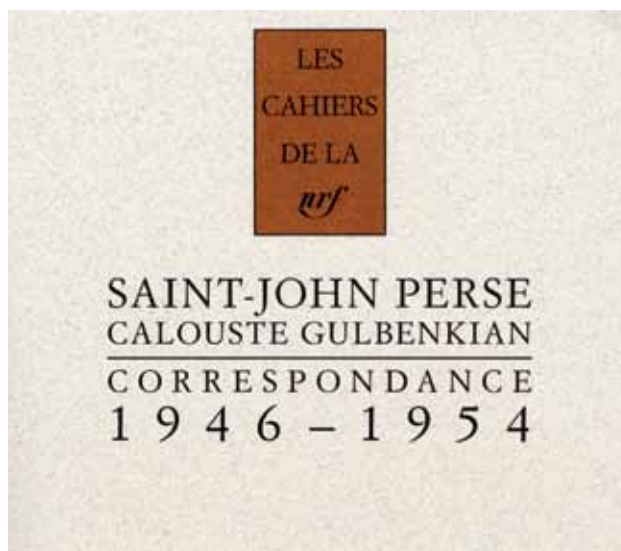
Tal como disse o diretor da *Revue des Deux Mondes*, o artigo publicado em 1890 mostrava o seu “poder de compreender e associar a cultura e a indústria do petróleo de forma surpreendente”. O artigo de Calouste é hoje, no dizer de Michel Crépeu, “um acontecimento de pura literatura”. ■

O mecenas e o diplomata

A correspondência entre Calouste Gulbenkian e Alexis Leger, poeta e diplomata conhecido como Saint-John Perse, foi publicada em França pelas Editions Gallimard. O livro intitula-se *Saint-John Perse/Calouste Gulbenkian Correspondance 1946-1954* e resulta da pesquisa e organização feita por Vasco Graça Moura, a partir dos arquivos de Calouste Gulbenkian existentes na Fundação. O livro tem também inúmeras anotações de Graça Moura e a sua edição contou com o apoio da Fundação Gulbenkian.

A primeira carta de Alexis Leger dirigida a Calouste Gulbenkian aparece em 1926 e, como conta Vasco Graça Moura no prefácio, “está escrita num tom cerimonioso, o que permite supor que se teriam acabado de conhecer”. Na altura, Calouste Gulbenkian já era um famoso homem de negócios de 57 anos, enquanto Alexis Leger, de 39 anos, ocupava o lugar de chefe de gabinete do ministro dos Negócios Estrangeiros Aristide Briand, que o levaria, anos mais tarde, a ocupar o cargo de secretário-geral do Quai d’Orsay.

Com pouco mais de 300 páginas, o livro apresenta 44 cartas de Saint-John Perse e 23 de Calouste Gulbenkian. A correspondência entre os dois está baseada principalmente em dois temas: as preocupações ligadas à ameaça de uma eventual 3.ª guerra mundial, em plena Guerra Fria; e os projetos de recuperação do Domaine Les Enclos, na Normandia, adquirido por Calouste Gulbenkian em 1937 e onde ele sonhava construir um jardim “à sua maneira”, enquanto lugar de meditação e repouso. Em Les Enclos, acabou por criar um parque com jardins cheios de árvores frondosas e pontos de água, numa extensão de 34 hectares. Sempre que a sua vida de homem de negócios o permitia, instalava-se num hotel de Deauville e passava uma parte



da estadia no Parque. Em 1973, a Fundação Calouste Gulbenkian doou o parque à cidade de Deauville. Através destas cartas, o leitor descobre outras facetas do mecenas e do diplomata-poeta.

Calouste Gulbenkian revela o seu lado de paisagista, conhecedor da terra e do clima normando, e ainda a sua imensa sabedoria sobre botânica. Saint-John Perse mostra-se um diplomata de visão global, refletindo a sua experiência pessoal sobre a entrada na guerra, que o levou a abandonar França e a exilar-se nos Estados Unidos. Só a partir de 1957, Alexis Leger voltará a partilhar a sua vida entre o país de origem e o país de exílio. Em 1960 é agraciado com o Prémio Nobel da Literatura. ■



Um gene que vale por dois

Um grupo de cientistas liderado por Paula Duque, investigadora do Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC), descobriu um gene – *ZIFL1* – que tem a particularidade de produzir duas proteínas diferentes com localização e funções completamente distintas na planta. Usando estudos genéticos e de biologia celular na planta modelo *Arabidopsis thaliana*, os investigadores observaram que o *ZIFL1* codifica uma proteína na raiz que é importante para o transporte de auxina, uma hormona essencial ao correto crescimento e desenvolvimento da planta. Contudo, nas folhas, o mesmo gene desempenha um papel no fecho dos estomas (os poros que regulam a transpiração) e no controlo das perdas de água pela planta, o que pode ser crítico em condições de seca.

Os cientistas do IGC descobriram que este gene passa por um mecanismo de edição, chamado *splicing* alternativo, que permite que um mesmo gene produza múltiplas

proteínas. De acordo com Estelle Remy, investigadora no laboratório de Paula Duque e primeira autora deste trabalho, “o facto de não encontrarmos ambas as proteínas quer nas raízes quer nas folhas sugere que estes tecidos contêm fatores específicos que, de algum modo, influenciam o *splicing* do *ZIFL1* para produzir a forma que confere a função biológica necessária àquele tecido”.

A noção de que cada gene codifica apenas uma proteína começou a ser questionada há alguns anos. No entanto, o gene apresentado neste estudo é um dos poucos identificados, capazes de produzir duas proteínas com papéis biológicos tão diferentes. Este trabalho foi publicado na revista científica *The Plant Cell*, contou com a colaboração dos grupos de investigação de Isabel Sá Correia (Instituto Superior Técnico) e Jiui Friml (Universidade de Gent e Institute of Science and Technology, Áustria) e foi financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia. ■

O fascínio das plantas do Jardim do Marquês

No dia **18 de maio** assinalam-se dois dias internacionais – o dos Museus e o do Fascínio das Plantas – com eventos espalhados por todo o país.

Para descobrir a flora existente no nosso património, o Instituto Gulbenkian de Ciência convidou Fernando

Catarino, um dos maiores botânicos portugueses, para guiar todos os curiosos e amantes da natureza pelos jardins do Palácio do Marquês, em Oeiras. A visita inicia-se frente à Câmara Municipal de Oeiras, às 11h, no dia 18 de maio. ■ www.igc.gulbenkian.pt

Homens e mulheres no Neolítico

A História do período Neolítico na Europa continua a ser alvo de grande debate por arqueólogos, antropólogos e geneticistas. As comunidades nômadas então existentes, compostas maioritariamente por caçadores e coletores, terão sido substituídas por comunidades de agricultores, resultando num estilo de vida mais sedentário, no aumento da densidade populacional e domesticação de animais e plantas. Mas qual o papel desempenhado por homens e mulheres nesta revolução cultural?

Num trabalho publicado na revista científica *PLoS One*, Lounès Chikhi, investigador principal do Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC) e do Centre national de la recherche scientifique (CNRS – Toulouse), e Rita Rasteiro, então aluna do programa de doutoramento do IGC, utilizaram dados genéticos para reconstruir a história demográfica da população humana neste período. Os investigadores analisaram o ADN de origem materna, presente nas mitocôndrias (organelos celulares), e de origem paterna, no cromossoma Y, de amostras modernas e antigas e compararam-no com o das populações europeias atualmente existentes. Os resultados que obtiveram corroboram algumas observações arqueológicas e indicam que o estabelecimen-

to das comunidades de agricultores na Europa, vindas do Médio Oriente, resultou de um fluxo migratório composto tanto por homens como por mulheres, aliado a um processo de integração com a população local, composta por caçadores e coletores. Consequentemente, os genes com origem no Médio Oriente ter-se-ão misturado com os genes dos primeiros europeus.

A história demográfica dos dois sexos terá, provavelmente, sido diferente antes e durante a transição neolítica. Os investigadores observaram um maior fluxo de genes de origem materna, provavelmente explicável pela passagem da poligamia para a monogamia, e o facto de as mulheres se deslocarem para a terra dos maridos após o casamento. O sedentarismo que acompanhou a transição neolítica terá resultado numa diminuição no fluxo de genes de origem masculina, enquanto o fluxo genético de origem feminina se terá mantido constante ou mesmo aumentado. Diz Lounès Chikhi: “Este estudo contraria a hipótese de terem sido os homens os principais motores da transição neolítica. Os nossos resultados sugerem que o papel das mulheres tem de ser reavaliado.” ■

IGC nas bodas de prata da EMBnet

A rede EMBnet (Bioinformatics without borders) a que pertence o Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC) desde 1990, comemora este ano o seu 25.º aniversário com um programa de conferências e *workshops* a decorrer este mês em Valência.

Esta rede proporciona intercâmbios de grande utilidade para as comunidades de utilizadores de fontes de informação e ferramentas bioinformáticas, assegurados por 35 instituições em 29 países.

O IGC é a única instituição portuguesa presente e a sua colaboração centra-se num programa de cursos de formação, o Gulbenkian Training Programme in Bioinformatics (GTPB). O GTPB já formou cerca de três mil pessoas, com



Valência, cidade da reunião EMBnet

idades entre os 18 e os 79 anos, em cursos de curta duração (dois a cinco dias) regularmente organizados no IGC, os quais são frequentados maioritariamente por investigadores na fase de preparação de doutoramento. A divulgação internacional tem trazido a Portugal participantes estrangeiros que constituem cerca de 28 por cento das audiências.

Reconhecendo a importância da formação, a rede EMBnet iniciou em 2011 uma nova organização global para o estudo, o desenvolvimento e a difusão de métodos, a GOBLET, na qual o IGC é uma das entidades fundadoras.

Para mais informações consultar www.embnet.org; <http://mygoblet.org>; <http://gtpb.igc.gulbenkian.pt> ■



Prémio Vilalva

Este ano, o galardão atribuído ao melhor projeto de requalificação do património vai ser entregue no **dia 3**, na Fundação Gulbenkian. O vencedor de 2012 é um conjunto escultórico do século XIX, o **Arcano Místico de Madre Margarida do Apocalipse**, composto por milhares de pequenas figuras que representam mistérios do Antigo e do Novo Testamento e que se encontra na Igreja Matriz da Senhora da Estrela, na Ribeira Grande, Açores. O prémio, no valor de 50 mil euros, foi criado pela Fundação Calouste Gulbenkian em homenagem ao filantropo Vasco Vilalva. ■

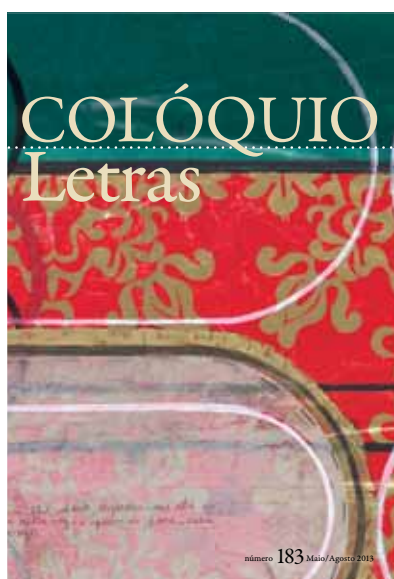
Melhorar a formação na Ajuda ao Desenvolvimento

Formar especialistas no planeamento, coordenação e execução de operações de suporte para projetos humanitários e/ou de desenvolvimento é o objetivo da primeira edição do Curso de Formação em Logística para Projetos de Ajuda ao Desenvolvimento, a decorrer desde o mês passado na Universidade de Aveiro, numa iniciativa da Fundação Gulbenkian.

Os alunos, com origens académicas variadas, que vão das ciências exatas à arte, recebem formação nas áreas logísticas, participando também em laboratórios experimentais e conferências, algumas a realizar em Lisboa, na Fundação Gulbenkian. ■

Fundação na netFWD

A Fundação Calouste Gulbenkian aderiu à Global Network of Foundations Working for Development (netFWD) criada pelo Centro de Desenvolvimento da OCDE. O grupo netFWD é constituído por fundações internacionais e tem como objetivos a otimização e a aceleração do impacto filantrópico relacionado com o desenvolvimento económico e com o progresso do bem-estar social. Para tal, esta rede pretende potenciar a partilha de experiências e boas práticas entre fundações, tendo igualmente a intenção de contribuir para influenciar políticas públicas por meio de novas abordagens para o desenvolvimento, em particular sobre a agenda de desenvolvimento pós-2015. ■



Novo número da Colóquio

O núcleo principal do n.º 183 da *Colóquio/Letras* é dedicado à temática das Diásporas. Marcello Duarte Mathias assina um texto com o título “O escritor e o sentimento de exílio: alguns exemplos contemporâneos”, e Daniel Melo escreve “Entre as brumas de Londres: literatura e mundo no exílio português”. Três poemas do poeta luso-americano Frank X. Gaspar são apresentados por Teresa A. F. Alves, numa edição onde se podem ler inéditos de Yvette K. Centeno, Sérgio Nazar David (poesia) e Ana Hatherly (ficção). Stephen Reckert e Óscar Lopes são homenageados por ocasião do seu desaparecimento recente. Pepetela assina a crónica.

Este número conta ainda com artigos de Gonçalo M. Tavares, Pedro Sepúlveda e Jorge Uribe, António Manuel Ferreira, Catherine Dumas, Frederico Pedreira e António Ladeira. A capa tem a assinatura de Ana Vidigal. ■

Diabetes em fórum internacional

De acordo com o último relatório do Observatório Nacional da Diabetes, o número de doentes em Portugal ultrapassa já o milhão e a percentagem de casos não diagnosticados é de 44 por cento. Quando não tratada adequadamente, a diabetes origina complicações tardias, tais como a retinopatia, doenças cardiovasculares, renais e amputações dos membros inferiores.

Estes e outros factos e números são o ponto de partida para o Portuguese Diabetes Leadership Forum – um encontro que se realiza a **23 de maio** na Fundação Gulbenkian e que reúne parceiros nacionais e internacionais num debate sobre a doença crónica que atinge mais de 371 milhões de pessoas em todo o mundo.

Sob o mote *Today, we can change tomorrow*, médicos, doentes, indústria farmacêutica, decisores e sociedade civil partilham ideias e soluções para o combate da doença, com o objetivo de definir prioridades e ações na prevenção, diagnóstico precoce, intervenção e gestão da diabetes, nunca descurando a melhoria da qualidade de vida da população e a sustentabilidade do Sistema Nacional de Saúde. ■

Cidadania Ativa/ EEA Grants

Até dia **1 de julho** estão abertas as candidaturas ao primeiro concurso anual do Programa Cidadania Ativa, destinado a apoiar as organizações não governamentais (ONG) portuguesas com o objetivo de fortalecer a sociedade civil e contribuir para o progresso da justiça social, democracia e desenvolvimento sustentável. O Programa é gerido pela Fundação Gulbenkian e conta com fundos da Islândia, Liechtenstein e Noruega, no âmbito do Mecanismo Financeiro do Espaço Económico Europeu.

Antes da abertura do concurso, o Programa foi apresentado na Fundação Gulbenkian, em Lisboa, e no resto do país para muitas centenas de interessados, em seis sessões realizadas no Porto, Coimbra, Évora, Faro, Ponta Delgada e Funchal. Estas sessões tiveram o apoio das fundações Eng. António de Almeida, Bissaya Barreto e Eugénio de Almeida, da CCDR Algarve e também das universidades dos Açores e da Madeira. ■

www.cidadaniaativa.gulbenkian.pt



Diretores das principais salas europeias de concertos em Portugal

Pela primeira vez em Portugal, reuniram-se os diretores das principais salas de concerto europeias que integram a ECHO – European Concert Hall Organisation. O encontro realizou-se a 12 e 13 de abril na Fundação Gulbenkian e na Casa da Música, membros portugueses da organização.

Fundada há 25 anos, a ECHO promove a reflexão em torno das oportunidades e dos desafios que se colocam hoje às salas de concertos, trocando ideias e experiências com vista à partilha de iniciativas internacionais conjuntas. Financiada pela União Europeia, a ECHO promove várias atividades, com destaque para os Rising Stars. Todos os anos seleciona seis jovens artistas para realizarem uma ronda de concertos em toda as salas da ECHO. O critério de seleção, da responsabilidade dos diretores artísticos das salas-membros, é a excelência musical e, desta forma, seis jovens talentos europeus têm a oportunidade de atuar em salas de prestígio e perante audiências internacionais.

A próxima temporada dos Rising Stars será apresentada pela primeira vez em Portugal de **9 a 11 de maio** do próximo ano, em Lisboa e no Porto. ■

Estágios na investigação biomédica

Ao abrigo do protocolo celebrado entre a Fundação Gulbenkian e a Fundação Eduardo dos Santos, quatro jovens recém-licenciados de Angola estão a estagiar em centros de investigação de excelência em Portugal. O Ipatimup e o Instituto de Saúde Pública no Porto, os institutos de Higiene e Medicina Tropical e IGC acolhem os futuros investigadores angolanos interessados em saber mais sobre doenças tropicais, cancro, virologia, parasitologia e genética humana. ■



Afonso Fesch | 24 anos | violino

O VIOLINO FAZ PARTE DA SUA VIDA DESDE CRIANÇA. COMO FOI CRESCER COM ESTE INSTRUMENTO?

Crescer com o violino foi, desde sempre, algo natural. Antes de mais, penso que a naturalidade na relação com a música e arte em geral é essencial, e através desta naturalidade vem então um longo processo de aprendizagem que nunca termina, um processo duro, que requer um questionamento pessoal constante e que não se coaduna com o facilismo. Quando se passa tantas horas diárias a estudar e a conhecer um instrumento musical, cria-se uma ligação muito especial, uma necessidade de conhecer mais e melhor as potencialidades e capacidades que ele nos proporciona. O instrumento é parte da nossa vida e tê-lo é essencial na expressão de sensações e inclusive na definição da nossa identidade.

JÁ ATUOU A SOLO OU EM MÚSICA DE CÂMARA EM FESTIVAIS NACIONAIS E INTERNACIONAIS. TEM ESPECIAL PRAZER EM APRESENTAR O SEU TRABALHO PERANTE UMA AUDIÊNCIA?

Como a arte em geral, a música pretende ser uma linguagem, e como tal o seu único objetivo é e tem de ser a

A naturalidade na relação com a música e a arte é essencial

transmissão de uma mensagem única e honesta. A audiência é de facto essencial. É necessário transmitir a mensagem para alguém e que esse alguém tenha interesse e necessidade de a receber. Obviamente, o público tem uma importância extrema para mim, assim como para qualquer outro artista! Sem o público, não temos com quem comunicar. Este facto leva-me a constatar o quão assustador é ver como o público que vai a concertos de música clássica tem vindo a diminuir, especialmente público jovem. É um problema gravíssimo e que está relacionado com o facto de muitas das performances hoje em dia não serem de todo interessantes, e, muitas vezes, com falta de honestidade na transmissão da mensagem artística. Penso ser claro que o único interesse do público, quando vai assistir a um concerto ou a uma exposição, seja sentir e viver algo único e sincero! Todos nós temos de parar e refletir sobre esta problemática, ser capazes de mudar o paradigma e de dar sentido e conteúdo honesto à transmissão da mensagem artística. Se assim não for, corremos o risco real de perder a música clássica e a sua representação de séculos da história ocidental e até mesmo mundial!



Basileia

RAPHAËL OLEG, SEU PROFESSOR E ORIENTADOR NA HOCHSCHULE FÜR MUSIK DE BASILEIA, AFIRMOU QUE “UM TALENTO DA SUA CATEGORIA É UMA BÊNÇÃO PARA PORTUGAL”.

QUE IMPORTÂNCIA TIVERAM OS MESTRES NA SUA EVOLUÇÃO?

Todos os professores que tive foram extremamente importantes para a minha evolução artística e humana. Qualquer artista necessita de receber informação, conhecimento e influência de várias pessoas, de diversas áreas, e os professores assumem então um papel fundamental a moldar o aluno. Tive a sorte de encontrar professores que me deram ferramentas e me ajudaram na criação da minha identidade, em vez de me impingirem as suas convicções!

É necessário ser-se um grande professor e artista para se conseguir transmitir informações, sem modificar radicalmente a identidade do aluno. As convicções e sabedoria do professor devem servir para melhorar o que o aluno tem e não para modificá-lo à sua imagem, pelo que acredito numa relação pedagógica de ensino e aprendizagem tanto para o aluno como para o professor. É nesta linha que tenho de agradecer especialmente a Yossif Grinman, professor que mais marcou o meu desenvolvimento artístico e pessoal exatamente pelas razões anteriormente descritas.

CUMPRIDA QUE ESTÁ ESTA FASE DA SUA APRENDIZAGEM, QUE PERSPETIVAS SE ABREM NO FUTURO PRÓXIMO?

Apesar de terminada a fase oficial de aprendizagem, não acredito de todo que esta tenha acabado, em especial na vida de alguém que pretende ser artista. Quanto ao que resta desta e à próxima temporada, o futuro avizinha-se felizmente bastante ocupado, pois tenho no meu horizonte vários projetos com a International Mahler Orchestra, orquestra da qual faço parte como concertino, assim como vários concertos de música de câmara e a solo com orquestra.

COMO FOI ESTUDAR E VIVER EM CIDADES COMO NOVA IORQUE E BASILEIA?

Estudar no estrangeiro foi muito importante para o meu desenvolvimento. Conhecer pessoas de diferentes culturas, com diferentes abordagens artísticas é sem dúvida essencial para que o processo de aprendizagem nunca acabe. O desenvolvimento tem de ser constante e um artista tem de melhorar e de se aperfeiçoar todos os dias, e viajar, conhecer artistas e pessoas diferentes, assume então uma importância extrema. ■

Seis exposições

arte, literatura e ciência



GALÁPAGOS

Jyll Bradley	Jeremy Deller	Paulo Catrica
Tania Kovats	Filipa César	Kaffe Matthews
Marcus Coates	Semiconductor	Dorothy Cross
Alison Turnbull	Alexis Deacon	

O arquipélago das Galápagos foi o cenário escolhido pela Fundação Gulbenkian para promover uma residência de artistas, realizada ao longo de cinco anos, em que a arte se cruzou com a ciência, o ambiente e a política.

curadoria Bergit Arends e Greg Hilty

CAM ATÉ 7 JULHO

RAZÕES IMPREVISTAS

RETROSPETIVA DE FERNANDO DE AZEVEDO

Pela primeira vez apresenta-se um conjunto representativo da produção global de Fernando de Azevedo, figura central do surrealismo português que esteve ligado à Fundação Gulbenkian durante quatro décadas.

Curadoria Leonor Nazaré

CAM ATÉ 7 JULHO



A OBRA PERDIDA DE EMMERICO NUNES

Rara oportunidade para apreciar um conjunto representativo de uma coleção de desenhos que se julgavam perdidos, realizados por Emmerico Hartwich Nunes para o jornal alemão Meggendorfer Blätter.

Curadoria Isabel Lopes Cardoso e J. Pedro Cavalheiro

CAM ATÉ 7 JULHO



360º CIÊNCIA DESCOBERTA

Uma exposição que apresenta a evolução científica e técnica associada às grandes viagens oceânicas de portugueses e espanhóis nos séculos XV e XVI e o seu impacto no conhecimento do mundo e na ciência europeia.

curadoria Henrique Leitão

EDIFÍCIO SEDE | ATÉ 2 JUNHO

CLARICE LISPECTOR

A HORA DA ESTRELA

Integrada no Ano do Brasil em Portugal, A hora da Estrela apresenta textos, fac-símiles, fotografias e documentos pessoais de uma das mais destacadas vozes da literatura brasileira.

curadoria Ferreira Gullar e Júlia Peregrino

MUSEU GULBENKIAN | ATÉ 23 JUNHO



OCUPAÇÕES TEMPORÁRIAS

DOCUMENTOS

Depois de três edições no Maputo e de uma passagem pelo Mindelo, as “Ocupações” chegam agora a Lisboa apresentando um testemunho documental de um processo que reúne obras originais e réplicas num diálogo entre si.

curadoria Elisa Santos

EDIFÍCIO SEDE | PISO 01 | ATÉ 26 MAIO



Romeo & Juliet, de Franco Zeffirelli.

Shakespeare na música

Com a temporada da Gulbenkian Música a chegar ao fim, aproxima-se um dos momentos altos da programação: o **ciclo Shakespeare na Música**. Quatro produções musicais em jornada dupla, uma maratona de cinema e uma conferência compõem esta iniciativa, que pretende ilustrar o modo como o génio literário de William Shakespeare inspirou algumas das mais cintilantes obras-primas do repertório musical. Em foco estarão quatro peças emblemáticas da sua vasta produção: **Romeu e Julieta**, **Sonho de uma noite de verão**, **Otelo** e **Falstaff**.

A lendária tragédia dos amantes oriundos de famílias rivais, inspirou a Hector Berlioz uma sinfonia dramática que abre o ciclo nos dias **9 e 10 de maio**. Esta apresentação, tal como as restantes incluídas neste ciclo, será dirigida por Lawrence Foster, à frente do coro e orquestra Gulbenkian. A segunda peça – *Sonho de uma noite de verão* – converteu-se, através de Felix Mendelssohn-Bartholdy, numa música de cena, em que, para além da música, a figura de um nar-

rador dá conta da ação. Será tocada nos dias **16 e 17 de maio** com a participação das sopranos Ana Maria Pinto e Carolina Figueiredo. Quanto a *Othello* e *Falstaff*, serviram de argumento às últimas duas óperas de Giuseppe Verdi, unanimemente consideradas obras-primas absolutas do repertório operático.

Falstaff, a derradeira ópera de Verdi, que o crítico musical Augusto M. Seabra considera um dos maiores milagres de toda a história da música, é apresentada, numa versão semiencenada de autoria de Rosetta Cucchi, nos dias **23 e 25 de maio**, com o barítono italiano Nicola Alaimo (Falstaff), a soprano francesa Isabelle Cals (Alice Ford), o tenor português Fernando Guimarães (Fenton) e o barítono natural da Moldávia Igor Gnidii (Ford) nos principais papéis.

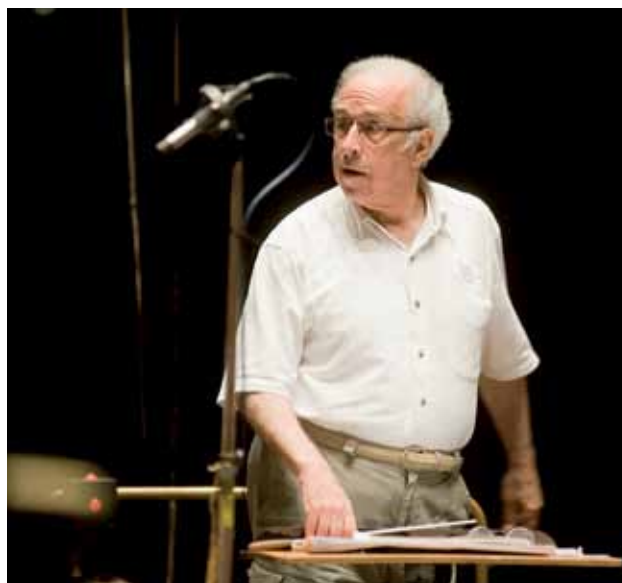
A fechar o ciclo, nos dias **30 de maio e 2 de junho**, é apresentada a ópera *Otello*, em versão de concerto, com o tenor georgiano Badri Maisuradze no papel do protagonista e a soprano russa Dina Kuznetsova na pele de Desdémona.

O barítono americano Lester Lynch será Iago, o sinistro despoletador da intriga, cujo caráter sombrio a música de Giuseppe Verdi magistralmente evoca.

Todas as peças deste ciclo serão dirigidas por Lawrence Foster, à frente do Coro e Orquestra Gulbenkian, naquelas que serão as suas últimas atuações enquanto maestro titular da Orquestra, cargo que assumiu durante os últimos 11 anos. O ciclo dará a ver, ainda, adaptações cinematográficas das peças **Romeo & Juliet** (1968) de Franco Zeffirelli, **A Midsummer Night's Dream** (1935) de Max Reinhardt e William Dieterle e ainda **Falstaff** (1965) de Orson Welles. Os filmes serão exibidos no Grande Auditório, no sábado, dia 11 maio, ao longo de todo o dia, com entrada livre.

Nesse mesmo dia terá lugar, no Auditório 2 da Fundação, uma conferência por Augusto M. Seabra alusiva ao tema do ciclo, também com entrada livre. ■

Mais informações em www.musica.gulbenkian.pt



Maestro Lawrence Foster © Márcia Lessa

Ciclo **Shakespeare na Música**

9 quinta, 21h | 10 sexta, 19h | Grande Auditório

ROMEU E JULIETA, Hector Berlioz

CORO E ORQUESTRA GULBENKIAN

Lawrence Foster *maestro*

Marianne Crebassa *meio-soprano*

Carlos Cardoso *tenor*

Daniel Kotlinski *baixo-barítono*

11 sábado

CINEMA NO GRANDE AUDITÓRIO

11h, ROMEO & JULIET, 1968, 138'

de Franco Zeffirelli

15h, A MIDSUMMER NIGHT'S DREAM, 1935, 133'

de Max Reinhardt e William Dieterle

18h30, FALSTAFF, 1965, 117'

de Orson Welles

CONFERÊNCIA

SHAKESPEARE NA MÚSICA por Augusto M. Seabra

17h30, Auditório 3

16 quinta 21h | 17 sexta 19h | Grande Auditório

A MIDSUMMER NIGHT'S DREAM, Felix

Mendelssohn-Bartholdy

CORO E ORQUESTRA GULBENKIAN

Lawrence Foster *maestro*

Alina Pogostkina *violino*

Ana Maria Pinto *soprano*

Carolina Figueiredo *soprano*

Mervon Mehta *narrador*

(música de cena com narração em inglês)

Concerto para Violino e Orquestra, op. 64

23 quinta, 19h | 25 sábado, 19h | Grande Auditório

FALSTAFF, Giuseppe Verdi

CORO E ORQUESTRA GULBENKIAN

Lawrence Foster *maestro*

Rosetta Cucchi *encenação*

Nicola Alaimo *sir john falstaff*

Isabelle Cals *alice ford*

Fernando Guimarães *fenton*

Igor Gnidi *ford*

Liliana Faraon *nannetta*

Renée Morloc *mrs. quickly*

Zandra Macmaster *meg page*

Ópera em 3 atos semiencenada.

30 quinta, 19h | 2 junho, 19h | Grande Auditório

OTELLO, Giuseppe Verdi

ORQUESTRA GULBENKIAN

Lawrence Foster *maestro*

Badri Maisuradze *otello*

Dina Kuznetsova *desdemona*

Lester Lynch *iago*

Luís Rodrigues *montano*

Zandra Macmaster *emilia*

Ivan Momirov *cassio*

Dietmar Kerschbaum *roderigo*

Nuno Dias *lodovico*

Ópera em 4 atos (versão de concerto)

Todos os espetáculos são legendados em português

OUTROS ESPETÁCULOS

WWW.MUSICA.GULBENKIAN.PT



Os bebês e a Felicidade

Especialistas de todo o mundo estarão reunidos na Fundação Calouste Gulbenkian para refletir sobre questões relacionadas com o desenvolvimento do bebé num contexto familiar e social, na conferência internacional Valuing Baby and Family Passion Towards a Science of Happiness (Valorar a paixão no bebé e na família – para uma ciência da felicidade).

A iniciativa realiza-se nos dias **7 e 8 de maio** e resulta de uma parceria que envolve a Fundação Gulbenkian, a Fundação Brazelton/Gomes-Pedro para as Ciências do Bebê e da Família e a Universidade de Lisboa.

A conferência realiza-se numa altura em que Portugal atravessa uma crise que afeta todo o tecido social, com evidentes reflexos no equilíbrio e no bem-estar das famílias. Esta crise, com repercussões alarmantes, tem vindo a agravar o cenário de um país que apresenta uma taxa cada vez mais baixa de natalidade e de casamentos, a que se junta uma das mais elevadas taxas de divórcios na Europa.

A ideia é promover o debate em torno das novas orientações e linhas de atuação que têm vindo a ser introduzidas nesta área e que levaram a incorporar conceitos como o da felicidade no léxico científico da especialidade, algo impen-sável há pouco tempo atrás.

Figuras como **Barry Lester, Berry Brazelton, Edward Tronick, Kevin Nugent, Joshua Sparrow, Marilyn Davillier, Nadia Bruschweiler-Stern, Stefan Klein**, vão apresentar comunicações ao longo das várias sessões programadas, no decorrer das quais será ainda prestada homenagem a Berry Brazelton, uma das referências mundiais da ciência do bebé. Aberta a todos o interessados, esta conferência faz parte integrante do curso universitário pós-graduado de Aperfeiçoamento sobre as Ciências do Bebê e da Família. Informações e inscrições: www.fundacaobgp.com; secretariado@fundacaobgp.com

João Gomes-Pedro, professor catedrático jubilado e coordenador científico da conferência sintetiza as linhas gerais desta iniciativa:

QUAL É O PRINCIPAL OBJETIVO DESTA CONFERÊNCIA?

Proporcionar uma reflexão centrada numa efetiva “cultura da criança” e nortear uma intervenção educacional e social em prol do bebé e da família. São várias as evidências de risco na nossa sociedade: temos a terceira mais baixa taxa europeia de natalidade, uma taxa cada vez menor de casamentos e uma das taxas emergentes mais alta de divórcios, a par da taxa europeia mais baixa de desemprego jovem [Portugal tem atualmente a terceira mais elevada da Europa, atrás da Grécia e de Espanha]. Tudo isto contribui para um clima devastador de infelicidade social, a exigir uma nova e eficaz intervenção centrada no que é, afinal, o tema desta conferência internacional: *Valuing Baby and Family Passion Towards a Science of Happiness*.

Como responsáveis pela programação científica desta conferência, reunimos um conjunto de oradores de excelência, constituído por investigadores, professores e clínicos, que vão apresentar uma seleção de prioridades científicas a plasmar na atividade de cada profissional. Acreditamos ser consensual a necessidade de proporcionar, na sociedade do saber, uma linha coerente de estudos superiores dedicados à criança e à família.

DE QUE MODO O CONCEITO DE FELICIDADE PASSOU A INCORPORAR O DISCURSO CIENTÍFICO, DESIGNADAMENTE NO CAMPO DAS CIÊNCIAS DO BEBÉ E DA FAMÍLIA?

Até há muito pouco tempo, o léxico de toda uma vida relacional nos primórdios da construção familiar não admitia, porque entendida como não científica, a designação de “felicidade”. O conceito de felicidade assenta, primeiramente, no facto de o “ser” e o “pertencer” constituírem um dos pilares de sustentação da resiliência infantil. É a capacidade de criar “estádios diádicos da consciência” com alguém muito especial – em primeiro lugar a mãe e o pai – que garante um sentimento de coerência identificado com um estado de maior ou menor felicidade. Muito do mistério desta consciência de pertença, está contido no sorriso, enquanto paradigma da emoção-afeto. O sorriso exprime o que faz sentido numa relação e acreditamos hoje ser este “fazer sentido” uma autoconsciência da felicidade.

QUE PAPEL DEVEM DESEMPENHAR OS PROFISSIONAIS DE SAÚDE NESTE NOVO PARADIGMA?

O papel a ser desempenhado pelos profissionais da Saúde, tal como pelos profissionais da Educação, deriva de um novo paradigma representado pela filosofia Touchpoints. Entendemos hoje que crescer implica uma progressão não

linear, mais complexa e dinâmica, feita de desorganizações – denominadas crises – a que se sucedem processos de reparação e reorganização que catapultam cada bebé para novas aquisições, em sucessivas estratégias de regulação. Os surtos de transição no desenvolvimento infantil podem hoje ser explicados pela Neurociência, através de novas evidências científicas que traduzem a génese de cada nova regulação do bebé em função das suas diferenças individuais. O papel dos profissionais é saber intervir em cada novo *touchpoint* de que são paradigma a consulta pré-natal (1.º *touchpoint*) e a descoberta partilhada com os pais quando do período de recém-nascido (2.º *touchpoint*).

Nesta descoberta, cada profissional é, tão-só, o guia que favorece a revelação do “quem é quem”, garantindo confiança e paixão numa aliança que fica para a vida. O neuro-comportamento do bebé não é só biológico, mas faz parte dum processamento social. A regulação tem implicações também sociais, primeiramente geradas no seio da família. A paixão é o que faz ter sentido cada momento do desenvolvimento, em cada um dos *touchpoints* da vida. Nesta coerência, cada profissional será, sobretudo, um mediador de felicidade, que, por sua vez, é investida em cada bebé, na sua família. ■

TERÇA, 7 DE MAIO

9h | “Early Lecture”

The Neonatal Intensive Care Unit with Individual Single Rooms: Does it Improve Infant Outcome?

Barry Lester

Moderador: João Justo

10h15 | Sessão de Abertura

Artur Santos Silva, Presidente da Fundação Gulbenkian

João Gomes-Pedro, Presidente da Fundação Brazelton /

Gomes-Pedro para as Ciências do Bebé e da Família

10h45 | Tributo a Berry Brazelton

Barry Lester, Edward Tronick, Kevin Nugent, Joshua Sparrow, Nadia Bruschweiler-Stern, João Gomes-Pedro

11h45 | Building Happiness Through Touchpoints

Berry Brazelton, Joshua Sparrow

Moderador: João Gomes-Pedro

12h15 | Discovering the Baby – a route for an early intervention with families

Kevin Nugent

Moderadora: Rita Silveira Machado

15h | Towards a Science of Happiness – A Challenge for Clinicians

Stefan Klein

Moderadora: Teresa Goldschmidt

16h45 | Pretend You Fedded Me: A Developmental Rewind.

Marilyn Davillier

Moderadora: Isabel Soares

QUARTA, 8 DE MAIO

9h30 | Regulation for Love: The Mother-Infant Paradigm

Edward Tronick

Moderadora: Marina Fuertes

10h45 | In memoriam Daniel Stern

Berry Brazelton, Maria José Gonçalves, Emílio Salgueiro,

João Gomes-Pedro

11h45 | Epigenetics and the Development of Child Mental Health Disorders

Barry Lester

Moderador: Luís Sobrinho

15h | Using NBAS as an early intervention

– *La Magie de l'Amour*

Nadia Bruschweiler-Stern

Moderadora: Maria Raúl Lobo Xavier

16h45 | Health and Education through. Touchpoints

– *Best Evidence*

Joshua Sparrow

Moderadora: Ana Teresa Brito

18h | Encerramento

Entrada livre

Registo prévio em www.fundacaobgp.com

O Futuro da Alimentação: Ambiente, Saúde e Economia

organizado por José Lima Santos, Isabel do Carmo,
Pedro Graça e Isabel Ribeiro

Entre março e dezembro do ano passado, os Programas de Desenvolvimento Humano e de Ajuda ao Desenvolvimento da Fundação Gulbenkian promoveram a realização de um conjunto de conferências sobre a alimentação, vista sob várias perspetivas: economia, saúde e ambiente. Perante o crescimento da população mundial e a diminuição dos recursos naturais, a Fundação Gulbenkian quis fazer o diagnóstico da situação e, pela primeira vez, abordar os problemas globalmente, cruzando várias áreas e saberes.

O resultado das diferentes intervenções e as conclusões da iniciativa estão agora reunidas num livro, com o mesmo título do ciclo *O Futuro da Alimentação: Ambiente, Saúde e Economia*, coordenado por uma equipa de que fazem parte José Lima Santos, Isabel do Carmo, Pedro Graça e Isabel Ribeiro. No texto introdutório, assinado pelos quatro, fica bem expressa a importância de garantir futuramente a sustentabilidade e a acessibilidade da alimentação, perante os desafios que se apresentam “num mundo em crescimento demográfico, com dietas em rápida mutação, com escassez crescente de recursos cruciais como a água, a energia e o solo fértil”. Dizem os coordenadores do livro que, para vencer os desafios, é preciso “uma capacidade de inovação sem precedentes”, que tenha em linha de conta as necessidades de “produzir mais com menos recursos naturais”, mantendo a pegada ecológica dentro de limites sustentáveis. Alertam também para a necessidade de “reduzir os atuais níveis de desperdício alimentar” e de “mudar comportamentos e escolhas alimentares”.

O livro reúne novos artigos de todos os conferencistas que participaram no ciclo, em que são analisadas “opções e escolhas possíveis e, nalguns casos, produzidas recomendações”, sem a preocupação de criar uma versão única sobre o tema, mas antes transmitir a diversidade de posições e a riqueza do debate interdisciplinar. Como referem os coordenadores: “O futuro da alimentação está longe de ser uma sinfonia. Trata-se, pelo contrário, de uma colorida diversidade de futuros possíveis, apresentando, na medida do possível, a vasta gama de visões e opções alternativas em presença.” ■

OUTRAS EDIÇÕES:

Viagens de Mandeville

John Mandeville

A Mente enquanto escreve

A automatização da execução motora na composição escrita

Rui Alexandre Alves

História e Antologia da Literatura Portuguesa – século XVIII, Volume IV

O Mar é que manda

Comunidade e percepção no litoral alentejano

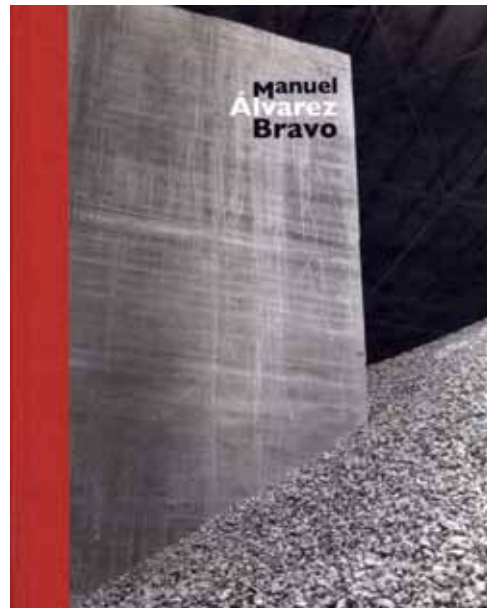
Paulo Mendes

Psicologia Social – 9ª edição revista e atualizada

Jorge Vala, Maria Benedicta Monteiro

Catálogos de Exposições na **Biblioteca de Arte**

Da extraordinária longevidade do fotógrafo mexicano Manuel Álvarez Bravo (1902-2012) resultaram milhares de imagens, realizadas ao longo das suas oito décadas de atividade. Desse conjunto, até dia 19 de maio, na Fundación Mapfre (Madrid), podem admirar-se 150 fotografias – algumas inéditas – polaroids, assim como alguns filmes experimentais que pertencem ao arquivo da família do fotógrafo. Intitulada *Manuel Álvarez Bravo*, esta exposição – que esteve anteriormente no Jeu de Paume (Paris) –, ao mostrar aspetos menos explorados, permite constituir uma nova visão da obra do fotógrafo, para além das óbvias e frequentes ligações ao Surrealismo e à colagem a uma visão mais folclórica da cultura mexicana. A obra fotográfica de Manuel Álvarez Bravo, embora refletindo a sensibilidade da cultura popular do México, está imbuída de uma perspetiva moderna, num discurso formal e estético poético e muito pessoal, com claras influências da linguagem cinematográfica. O catálogo que acompanha a exposição, da responsabilidade editorial da Fundación Mapfre, contou com o apoio da família do fotógrafo. Para além da reprodução das fotografias expostas, organizadas em oito grandes temas, o catálogo contém três ensaios de Roberto Tejada, Álvaro Vázquez Mantecón e Iván de la Nuez e dois textos de cada um dos curadores da exposição, Laura González Flores e Gerardo Mosquera; completam-no uma cronologia de Manuel Álvarez Bravo e uma bibliografia. ■



Durante os cerca de quatro meses em que ocupou uma das galerias do Centre Georges Pompidou, em Paris, a exposição *Dalí* registou um recorde de afluência, tendo sido visitada por mais de 790 mil pessoas. Até dia 2 de setembro, quem desejar (re)ver os cerca de 200 trabalhos – pintura, escultura, desenhos, objetos – criados pelo artista catalão Salvador Dalí (1904-1989) poderá fazê-lo no Museu Nacional Reina Sofia, em Madrid. Organizada sob a responsabilidade curatorial de Jean-Hubert Martin (curador da célebre exposição *Les magiciens de la terre*, realizada em 1989), a exposição organiza-se em períodos cronológicos que vão desde as primeiras obras de Dalí, uma série de pinturas da década de 1920, onde se inclui a conhecida *Jovem à janela* (1925), até aos seus últimos trabalhos, nos anos de 1970. A obra publicada por ocasião da exposição contém cinco ensaios de, nomeadamente, Pere Gimferrer, Thierry Dufrêne, Jean-Michel Bouhours e de Jean-Hubert Martin; a parte que contém o catálogo das peças expostas está dividida em nove secções temáticas, cada uma das quais contendo um pequeno texto de contextualização, assim como uma cronologia da vida do artista ilustrada com fotografias. Uma das secções é dedicada aos escritos de Dalí, apresentando-se a reprodução dos originais de uma seleção de 23 textos, com a respetiva transcrição. ■



Centro de Arte Moderna

Ocultações

As ocultações, processo de trabalho cuja origem se encontra, provavelmente, nas *overpaintings* de Max Ernst, marcam de forma singular a história do surrealismo. Para Fernando de Azevedo, como para outros artistas em Portugal nos anos 40, tiveram importância na passagem à não figuração e na assunção do acaso e do inconsciente. O processo permitia a descoberta e a emergência do desconhecido em cada um, “porque por detrás do exercício, está o ser humano”¹.

A ocultação surge no desenho de Azevedo em 1948, ainda antes de ser utilizada sobre fotografia. As duas ocultações que mostrou na exposição do Grupo Surrealista, em 1949, estão hoje perdidas. Em 1952, na exposição realizada na Casa Jalco, Azevedo apresentou 19 ocultações (para além de pintura, desenho, colagem e um manequim). *Personagens Preciosas* (1950-51), ali exposto, é um trabalho considerado fundamental no seu percurso, justamente por remeter para o processo da ocultação, apesar de se tratar de uma pintura a óleo.

Tal como a colagem e muita da pintura que realizou, as ocultações são a negação do princípio figura-fundo. A tinta da China é espalhada sobre imagens impressas arrancadas a páginas de revista ou, menos frequentemente, sobre desenhos do próprio artista, definindo formas a partir das zonas não cobertas, em composições expostas ao risco da irreversibilidade.

As ocultações de Azevedo são dinâmicas e delicadas, fluidas e complexas... Nelas coexistem o grotesco e o poético, o motivo vegetal ou vagamente animal e a força geométrica, plasticidade orgânica e mecânica. Aquelas que realiza a partir de folhas impressas são mais favoráveis a essa condição cinética, a uma sensação de iminência constante, de desvendamento e recusa, de epifania. A luz que nelas se projeta pela fabricação de um claro-escuro transitivo ou contrastante, e pelo tratamento do seu volume escultórico, atribui às formas uma plasticidade perturbadora, maleável, ameaçada.

O lado fantasmático das figuras – pontiagudas, bojudas, filamentosas, esponjosas, estriadas, lapidadas, matizadas – permanece nos desenhos que Azevedo também oculta, mas nesse caso uma relativa rigidez trazida pelos riscos subjacentes confere-lhes mais peso, maior fixação e, por

vezes, uma certa aspereza. Nos desenhos presentes na coleção do CAM, alguma figuração sobrevive ainda à abstração e o espaço é articulado de forma mais arquitetónica.

O que se oculta e se adivinha nestas imagens poderia ser o exato simétrico do que se mostra e descobre, não fora a respetiva diferença de potencial – a imagem recortada é necessariamente uma eleição da forma na obra ao negro iniciada e sucede-lhe como conquista, apesar da aparente fragilidade da sua fixação.

Estas quatro obras podem ser vistas na primeira retrospectiva dedicada a Fernando de Azevedo – *Razões Imprevistas* –, patente até 7 de julho no CAM. Do vasto trabalho realizado por Azevedo ao longo de seis décadas, são apresentadas pinturas, ocultações, colagens, desenhos, uma escultura, serigrafias, ilustrações, figurinos, estudos para cenários e trabalho gráfico. ■

Leonor Nazaré

¹ Fernando de Azevedo citado por Isabel Coutinho Cabral, em “Fernando de Azevedo: da ocultação à pintura, da pintura à colagem”, em *Colóquio Artes*, n.º 66, setembro de 1985.

(da esquerda para a direita)

c.1950-51

Tinta-da-China s/ imagem impressa

30 cm x 22,8 cm

Inv. N.º DP442

c.1950-51

Tinta-da-China s/ imagem impressa

22,5 cm x 29,4 cm

Inv. N.º DP441

1949

Tinta-da-China s/ imagem impressa

25 cm x 17 cm

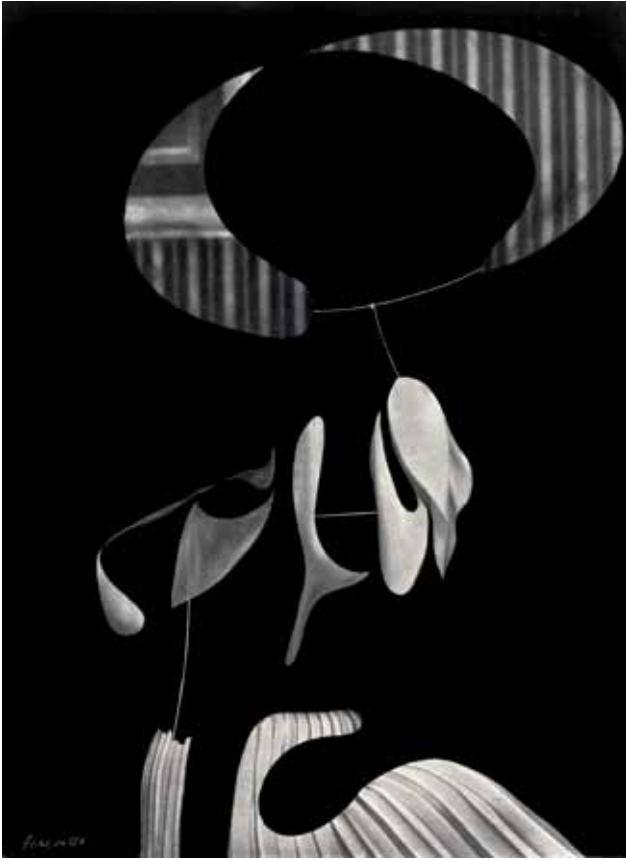
Inv. N.º DP443

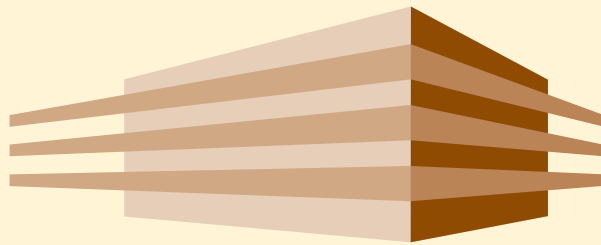
1951

Tinta-da-China s/ imagem impressa

32,2 cm x 21,5 cm

Inv. N.º DP439





PRÉMIO CALOUSTE GULBENKIAN

O Prémio Calouste Gulbenkian, no valor de 250 mil euros, distingue uma instituição ou uma pessoa, portuguesa ou estrangeira, que se tenha destacado na defesa dos valores essenciais da condição humana.

As nomeações devem ser apresentadas até ao dia **31 de maio**, através do site www.gulbenkian.pt